

Discurso Religioso: A construção do *ethos* de Padre Vieira em Sermão dos Peixes

Daniela da Silva Miranda
Cleber Passos dos Santos

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar a construção do *Ethos* discursivo de Padre Vieira no sermão *Santo Antônio aos Peixes*, proferido no Brasil em 13 de junho de 1654. Nosso principal enfoque é verificar, à luz da Teoria da Argumentação e da Retórica e Nova Retórica, como Padre Vieira constrói a imagem de si em seu discurso, de modo que consiga obter a adesão de seu público/auditório e parecer ser sincero e honesto já que, para os dias vividos naquele século, é possível identificar um momento de descrédito na Igreja, na Coroa e, também, na falta de perspectivas de futuro. O método utilizado neste estudo consiste na pesquisa bibliográfica e na análise interpretativa e qualitativa, em que, a partir de escolhas lexicais, podemos observar a construção da imagem desse enunciador e o poder persuasivo de seu discurso. Assim, pretendemos analisar como a argumentação e a construção da imagem de si no discurso auxiliam na adesão e na crença do auditório acerca do que se prega em tal texto. Para esta análise, o referencial teórico fundamenta-se, sobretudo, nos estudos da Retórica (ARISTÓTELES, 2005 [s/d]; MOSCA, 2004), Teoria da Argumentação (PERELMAN e OLBRECHTS TYTECA, 2008 [1958]), e *Ethos* discursivo (AMOSSY, 2008).

Palavras-chave: Padre Vieira; *Ethos*; Retórica; Argumentação.

Considerações Iniciais

Padre Antônio Vieira é conhecido como responsável pelo desenvolvimento da prosa no período Barroco. Trata-se de um orador e escritor idealista, eloquente e polêmico para o Século XVII, visto que não poupava discursos criticando o poder arbitrário dos portugueses, a influência que os cristãos protestantes, contrários aos ensinamentos da igreja católica, exerciam na Colônia, os seus colegas de sacerdócio

que não executavam o ofício como ele acreditava ser correto que seria o ensino e o evangelismo e, além disso, Vieira criava oposição à própria Inquisição; também, defendia a evangelização dos índios, inaceitável para a igreja na época e não aprovava os horrores vivenciados por eles nas mãos de colonos e judeus convertidos ao catolicismo instalado no Brasil.

Para esta pesquisa, elaboramos uma investigação acerca do “Sermão de Santo Antônio”, também conhecido como “O Sermão dos Peixes” – porque o Padre usara a imagem dos peixes como símbolo para fazer uma crítica aos vícios dos colonos portugueses que se aproveitavam da condição dos índios para escravizá-los e sujeitá-los ao seu poder – já que a analogia utilizada por Vieira, à época, provoca uma reflexão sobre as estratégias argumentativas utilizadas pelo escritor, bem como a imagem de si construída a partir de seu discurso.

Vieira, na qualidade de orador, buscava, na argumentação, estabelecer relação da moral a ser aplicada a partir de textos bíblicos, personagens referenciais, peixes, santos (como Santo Antônio), para dar elegibilidade ao seu discurso, garantindo-lhe autoridade.

Pode-se observar que o escritor, para atingir o propósito de influenciar os que se encontravam presentes para ouvir seu discurso, utilizava-se de estratégias linguístico-discursivas capazes de promover reflexão.

O gênero discursivo selecionado consiste em Sermão, que, conforme define Pécora (2002, apud GONTIJO, 2009), é o discurso com finalidade de persuadir e os recursos retóricos utilizados para a comunicação do orador com seus ouvintes destaca-se a acomodação, recurso esse que pressupõe uma interação relacional direta entre as partes, exigindo uma postura de abertura para alteridade. Os preceitos persuasivos são buscados no universo de sentido do outro, por meio de apropriação, adaptação e mediação, sendo assim, o sermão se forma na analogia do divino e o mundo natural.

Nesse sentido, este trabalho busca analisar como Padre Vieira constrói a imagem de si em seu discurso, de modo que consiga obter a adesão do auditório, uma vez que, para Eggs (2008, apud LUQUES e MIRANDA, 2012), o locutor terá mais chances de persuadir seus ouvintes à medida que parecer expor seus argumentos com virtude”, isto é, parecer ser sincero e honesto aos olhos da audiência.

Com relação ao arcabouço teórico, para esta pesquisa, embasamos nosso artigo na Teoria da Argumentação sob a perspectiva Retórica, sobretudo em relação ao *Ethos* (Aristóteles [s/d]; Amossy, 2008); à Nova Retórica (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2008[1958]; Aquino, 2010 e Miranda, 2011), em que buscamos compreender e analisar a construção do *Ethos* de Vieira em seu discurso, observando a seleção lexical utilizada pelo autor.

A partir dessa perspectiva, esta pesquisa pretende responder, por meio da análise, às seguintes perguntas: 1. Qual a imagem de si construída por Vieira; 2. Quais são suas estratégias argumentativas observadas a partir da Teoria da Argumentação?

Para que possamos responder às perguntas, a seguir, traçamos uma breve explanação acerca da Retórica, seu berço até a perspectiva atual, a fim de que se possa situar nossa pesquisa no âmbito dos estudos do *Ethos* retórico.

1. Primórdios da Retórica

As estratégias argumentativas podem ser observadas em muitas atividades discursivas, em toda situação em que ocorre uma divergência em relação a um ponto de vista. Também, pode ser verificada a partir da perspectiva da interação, em que se analisa como o outro reage a uma seleção de argumento. Para tanto, traçamos um percurso histórico acerca da Retórica que parte dos seus primeiros registros, sua sistematização e, por fim, o seu uso relacionado à construção da imagem de si.

De acordo com Breton e Gauthier (2001), as primeiras

evidências do surgimento das teorias da argumentação são registradas por volta de 450-440 a.C. na Sicília grega e, dois nomes ligados a esse momento são o de Córax e Tísias seu aluno. Na direção e na expansão de um espírito igualitário, a teoria da argumentação vai transformando o sistema político e social da época que são frutos de processos e disputas por propriedade; a democracia constituída permite o surgimento de uma sociedade que, entre todos os meios de julgamento, garante um espaço fundamental à palavra. A argumentação ocorre inicialmente nos confrontos jurídicos, a fim de que o locutor e o interlocutor se apresentem em níveis de igualdade no âmbito do Direito, permitindo, assim, uma disputa limpa, sem a necessidade do uso da força bruta e nem da utilização de material bélico. Esse tipo de disputa passa a ganhar notoriedade, culminando no ajuntamento de grande público e grande júri popular, não concomitantemente, era necessário um discurso efetivamente eloquente que, por fim, se tornava um objeto de estudo.

Breton e Gauthier (2001) argumentam que na direção de tornar a Teoria da Argumentação nesse objeto de estudo, Córax desenvolve e redige um manual servindo como base para os profissionais da redação de discursos. Esse manual é composto de um conjunto de técnicas que permitia uma argumentação mais eficaz perante os tribunais. Esse manual, ao passar de mão em mão, perdera-se, permitindo-nos apenas o acesso a fragmentos citados por Aristóteles, no ideal de sistematizar a retórica; ainda, segundo os autores, Corax divide o discurso em quatro partes: o exórdio, a apresentação dos fatos, a discussão e a peroração; entende-se que o exórdio ou o início do discurso é um dos momentos fundamentais na direção de persuadir, pois é ali que o discursante garante a atenção do auditório, o orador profere seu discurso em uma direção que venha tocar o sentimento do ouvinte, traz comentários elogiosos ao plenário, ao auditório, ao juiz e ao seu oponente, tornando assim seu discurso aparentemente (isso porque ele deve parecer e não necessariamente ser) nulo de preceitos pessoais voltados apenas para a justiça que se busca ao final do pleito; a apresentação dos fatos é parte onde se apresenta a tese que defende sua argumentação, seja

ela para condenar, seja para absolver; a discussão é o momento em que se apresenta argumento em favor da tese e, por fim, a peroração que consiste no momento da conclusão do discurso, esta, a qual entendemos ter a mesma relevância do exórdio.

Ainda de acordo com esses autores, os sofistas também contribuíram para o desenvolvimento da retórica, há quem atribua a eles o título de fundadores dessa teoria. É fato que se não são fundadores, são pelo menos os primeiros a se conscientizarem da importância da palavra, para tanto, eram procurados pelos jovens abastados em busca da *areté*, qualidade indispensável para um cidadão bem-sucedido. Na política democrática de Atenas da época, a arte do bem falar era marca registrada entre os oradores. Os sofistas preparavam seus alunos com a ideia de instrumentalizá-los para qualquer tipo de conflito de pensamento, que, por meio da controvérsia ou oposição, era possível refutar as teses de seus oponentes.

Sócrates, por sua vez, propõe mais duas técnicas para a construção do discurso persuasivo, a síntese e a análise. A primeira sugere a união de todos os elementos dispersos; a segunda é inversa da primeira, existe nessa um fator de decomposição que não quebra os elos da reconstrução culminando na dialética. Durante esse período, a Retórica sofre algumas críticas como a de Aristófanes, que discorda da noção de natureza oposta ao artifício, a linguagem espontânea e a preparação para persuadir, Aristófanes apresenta noções passíveis de imoralidade, uma vez que não concordara com o fato de a retórica estar a serviço de qualquer causa, chama o sofistas de demagogos e mercenários; já Platão é mais direto quanto ao fato de criticar os sofistas apresentando a retórica como instrumento de intelectualidade a serviço de buscar a verdade e não por sua simplicidade na direção apenas de convencer pessoas por meio de opinião que formam por si só.

Depois de mais de um século do surgimento da Retórica, pelo menos com uso dessa terminologia, Aristóteles começa a desenvolver

seus estudos voltados para essa arte. O aluno da escola de Platão não se intimidava em fazer oposição ao mestre em assuntos que achasse relevantes, diante disso, logo ganha espaço entre os maiores pensadores e é retomado até hoje. Aristóteles é precursor do peripato, a arte de ensinar passeando, lecionava Filosofia em sua escola no Liceu na parte da manhã e Retórica à tarde.

Para Aristóteles, uma disciplina atribuída como um instrumento pode ser usada tanto para o bem, quanto para o mal, usando como exemplo o julgamento de um crime que pode, por meio da retórica, seja pela apresentação da acusação seja da defesa, a condenação ou a absolvição do réu, cabe aos oradores (promotor e advogado) a explanação de um bom exórdio e a clara apresentação dos fatos, uma discussão aberta e a peroração de forma convincente. Aristóteles abona a ideia de verdade e adota para a retórica a verossimilhança que é mais ligada ao fato de parecer ser verdade ou argumento provável do que propriamente a verdade.

Com Aristóteles, a Retórica passa finalmente do estatuto de técnica empírica para o de uma técnica formalizada, sujeita a uma teoria, mas, ao mesmo tempo, sempre guiada pelas necessidades da sua aplicação prática numa sociedade que, por ser fundamentalmente democrática, atribui um grande lugar à <<cultura de convencer>>. (BRETON e GAUTHIER, 2001, p.41).

Contudo, apesar de a Retórica se destacar como a Teoria da Argumentação, pelo menos é assim que se vê por meio da proposta de alguns pesquisadores, é importante frisar que ela não se resume a uma estratégia para produção ou exposição de opinião, mas sim, para fornecer argumento, permitindo aos debatedores igualdade na construção do discurso e na finalidade que é a persuasão.

Durante o Século XIX, a Retórica perde sua elegibilidade observada a partir do conceito de continuar sendo uma disciplina difundida como cultura, arte, especialização (como função discursiva); sendo lembrada apenas como expressão literária não mais ensinada

nas escolas, enfim, a Retórica perde seu prestígio ficando esquecida por algumas décadas na qual só será retomada por Perelman e Tyteca, 2005[1958], que por sua vez, não a distancia da tradição, pelo contrário, a vincula à ideia aristotélica, propondo uma Nova Retórica.

Ao desenvolverem o trabalho inserido na perspectiva da Nova Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca, (2005[1958]) dividem-no em três títulos conforme a seguir:

2. A Nova Retórica

2.1 Âmbito da Argumentação

Ao passo que os autores apresentam a mesma perspectiva de Aristóteles quanto à preocupação que o orador deve ter quanto a quem se dirige o discurso, para que o orador não perca seu efeito ou sua qualidade, se é que seja possível atribuí-lo esses dois vieses de análise, sendo um, resultado do outro, pressupondo que qualidade é a propriedade que determina a essência ou a natureza de um ser e o efeito é aquilo que é produzido por uma causa, assim, para Aristóteles (apud BRETON e GAUTHIER, 2001) contrário aos sofistas, a Retórica se apresenta como um instrumento e pode, enquanto tal, ser posto a serviço quer do bem quer do mal, do justo ou do injusto, propondo-a como uma técnica do verossímil e já não da verdade.

Perelman e Tyteca (2005[1958]) observam uma relação entre o orador e o auditório, que, para o discurso atingir seu objetivo, ele deve despertar a atenção desse plenário que, muitas vezes, é constituído por diversos tipos de ouvintes; a multiplicidade de argumentos deve ser adotada na direção de buscar a homogênea adesão desse público ouvinte tão heterogêneo, ou seja, minimamente deve-se buscar adaptar-se ao público a ponto de obter reciprocidade na interação, que será retomada no terceiro ponto (c), em que a persuasão diferencia-se de convencimento, para tal, é relevante salientar a existência de uma dissociação entre convicção, interesse e paixão; a arte de persuadir

tem de passar por um processo de dicotomia para se estabelecer uma relação neutra entre o orador e o ouvinte, ou parecer ser neutra, com a intenção de fazer com que o discurso seja a transformação do espírito ouvinte em direção à sua adesão mediante aos argumentos e a imagem do orador constituída por meio desse discurso.

2.2 Ponto de Partida da Argumentação

Nesse ponto, são analisadas pelos autores as divisões na argumentação, o acordo, as escolhas dos dados e sua adaptação, apresentação dos dados e forma do discurso; o acordo corresponde às premissas escolhidas pelo orador para estabelecer uma relação com a realidade do ouvinte, suas verdades e preferências, valores.

[...] a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes. Por outro lado, a própria escolha das premissas e sua formulação, com os arranjos que comportam, raramente estão isentas de valor argumentativo: trata-se de uma preparação para raciocínio que, mais do que uma introdução dos elementos, já constitui um primeiro passo para a sua utilização persuasiva. (PERELMAN e TYTECA, 2005[1958] p.73).

Nas escolhas de dados, o orador procura persuadir por meio da emoção, tendo como objetivo atingir a sensibilidade do ouvinte, assim é possível influenciar suas reações. Para Perelman e Tyteca (2005, p. 150) “a linguagem não é somente meio de Comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão”, por essa perspectiva, concluímos que na construção de uma boa argumentação é possível mudar conceitos e preconceitos.

2.3 Técnicas Argumentativas

A partir desse ponto, observamos que os autores tratam da forma e da matéria, em que se estabelecem os moldes centrais do discurso, os argumentos são apresentados de forma a identificar os problemas técnicos quando se apresentam os dados; para Perelman

e Tyteca (2005[1958], p. 238), [...] “uma das técnicas essenciais da argumentação quase lógica é a identificação de diversos elementos que são o objeto do discurso”. A técnica mais comum para identificar tais elementos é a das definições, a saber, definições normativas, descritivas, de condensação, complexas. Entre as definições normativas, destacam-se somente aquelas que se apresentam como obrigatórias, visto que permitem ser ou não apoiadas por meio da argumentação, diferente das descrições que não são passíveis de contestação.

Enfim, Perelman e Tyteca comungam dos mesmos princípios de Aristóteles, ou melhor, eles retomam a teoria da argumentação aristotélica apresentando nova perspectiva acerca do *logos*, propondo uma tipificação das estratégias argumentativas. Diante disso, depois de discorrermos pelos registros históricos, passamos, a seguir, para a explanação acerca das três provas da Retórica, apresentadas por Aristóteles durante a sistematização da Retórica.

3. Três provas da Retórica

Após refutar as críticas à Retórica, Aristóteles continua seus estudos sobre a teoria da argumentação e desenvolve um sistema composto por três provas, a saber: *Ethos*, *pathos* e *logos*. O primeiro consiste no caráter do orador; o segundo, na adesão ou no envolvimento emocional do auditório e, por fim, o *logos*, que é atribuído diretamente aos recursos do discurso.

O discurso persuasivo, aquele destinado a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*). Estes são os três elementos que irão figurar em todas as definições posteriores e que compreendem o instruir (*docere*), comover (*movere*) e o agradar (*delectare*). (MOSCA, 2004, p.22)

Considerando que o *logos* corresponde ao processo prático do discurso, ele se baseia na construção argumentativa do discurso, em que se destaca pelos aspectos técnicos, a apresentação bem

elaborada do texto, com o uso dos recursos linguísticos, o tipo de argumentação centrado na tese e nos argumentos.

O *pathos*, por sua vez, está envolvido com a paixão que é provocada no auditório, para Aristóteles (2005, p. 5) “as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos”, situa-se no plano da emoção e têm por finalidade causar empatia e sedução a quem o discurso se destina, estando ligado diretamente ao campo da emoção, traz o ouvinte para perto do orador por meio da simpatia, da confiança, do humor, dos atributos, do sentimento.

O *ethos* está condicionado ao caráter do orador, a imagem que o orador constrói de si ao proferir seu discurso, ou seja, a credibilidade, a persuasão pela autoridade discursiva que ele adquire ao se pronunciar.

A construção da imagem si, que é a proposta deste trabalho, passa a ser observada no próximo ponto, que de fato é o objeto de pesquisa, bem como as estratégias empregadas para sua constituição.

3.1 *Ethos*

Tendo em vista o foco desta pesquisa voltar-se à construção do *Ethos* no discurso, tratamos com mais afinco acerca dessa prova que consiste na constituição das imagens do orador em seu pronunciamento.

Aristóteles, ao sistematizar a Retórica, apresenta o *Ethos* como objeto de constituição do caráter moral e poder de persuasão construída a partir da figura do orador em seu discurso. Para ele, o discurso não é composto apenas de enunciados perdidos ou sem objetivo, sem a direção específica que é o ouvinte, de signos linguísticos que muitas vezes só fazem jus à gramática formal e a lógica; o discurso é composto de características persuasivas, uma vez que, quando se constitui uma imagem de si, certamente se obtém

a adesão do auditório que se permite até mudar de opinião.

Para Aristóteles (s/d), não importa o caráter moral do orador fora do discurso, para ele, o importante é o que o orador parece ser. O *Ethos* é constituído na relevância da imagem que apresentada pelo orador, está ligado à impressão deixada a partir do ato enunciativo. O auditório deve ser movido e conquistado pelo caráter moral apresentado na fala do orador, a confiança deve ser estabelecida a partir da construção da imagem de si proposta no discurso; um autorretrato construído no enunciado.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY, 2008, p. 09).

Para Amossy (2008), o discurso deve ao caráter moral seu efeito persuasivo, ou seja, o auditório é influenciado a aderir ao discurso à medida que se estabelece uma relação de confiança com o orador e o objeto do enunciado, pouco importando a sinceridade do discursante, o importante são os traços morais apresentados durante o ato da fala, o orador apresenta-se implicitamente no seu discurso sem a necessidade de fazê-lo de maneira objetiva, como em uma apresentação curricular formal. Entende-se, então, que a noção de *Ethos* está ligada à ideia de identidade representada e constituída na enunciação do próprio discurso.

Para a nossa análise, tratamos do *Ethos* discursivo, proposto por Aristóteles, em que o discurso se relaciona com o enunciado promovendo, entre o orador e o auditório, uma relação de comunicação estabelecida em um espaço onde o *Ethos* se constitui.

Neste trabalho propomos analisar o *Ethos* no discurso religioso, usando como corpus um sermão a qual discutiremos no

próximo ponto sua estrutura e sua empregabilidade na direção da persuasão, bem como, as estratégias que seu orador usará para atingir seu objetivo, o de conseguir a adesão de ouvinte.

4. Sermão

Na concepção de Bakhtin (2000), ao iniciar seus ensinamentos sobre os gêneros do discurso¹, é proposta a ideia de que todas as atividades humanas estão sujeitas, ou melhor, relacionadas com o uso da língua, daí emerge a variedade de gêneros que resultam em vários vieses para pesquisa. Para tal, promove uma divisão em três aspectos simples que constituem um gênero discursivo: o tema, o estilo e a composição. Durante o processo de produção dos enunciados e dos gêneros discursivos, estabelecem-se as intenções comunicativas, bem como as interações sociais pertinentes a cada sujeito.

Bakhtin (2000) observa os gêneros como consequência do uso comunicativo da língua em sua natureza, de maneira que, quando acontece a comunicação entre os indivíduos, não identificam apenas a troca de orações nem signos, o que ocorre é a troca de enunciados que se estabelecem acompanhados dos recursos formais como a construção sintática e léxica. Outro fator importante na constituição do gênero é a questão de ele não ser decidido pelos interlocutores, mas adquirido e investido como uma forma estável. O próprio querer-dizer (intuito discursivo) de um locutor realiza-se, fundamentalmente, na escolha de certo gênero que se acha acessível.

[...] a prédica é a comunicação da verdade de um homem para outro. Contêm ela dois elementos essenciais – verdade e pessoa [...] Deve conter os dois elementos. Nas diferentes proporções em que os dois se misturam é que está a diferença entre as duas grandes espécies de sermões, ou de prédica. O defeito de um ou de outro elemento é que coloca cada sermão ou pregador aquém do modelo perfeito. Estando ausente um

1. Não é a temática desta análise.

desses dois elementos, o discurso deixa de ser sermão e o homem deixa de ser pregador. (BROADUS, 1960, p.6).

Nesse ponto, propomos que o sermão é um gênero discursivo e a partir desta perspectiva entendemos o sermão como um discurso religioso que apresenta, como objetivo, persuadir o auditório a partir das perspectivas ideológicas da crença, da conversão do ouvinte ao caminho da salvação, segundo a ótica dos cristãos. O sermão conhecido também por *homilia*, seu escopo é preparado por meio da homilética, disciplina ministrada principalmente nos cursos de Teologia que traz em seu significado a ideia de multidão ou assembleia do povo; concluído como discurso com a finalidade de agradar. Pressupondo que para agradar é necessário persuadir, encontramos aqui a relação sermão/retórica.

Sermão ou do latim *sermo* tem seu significado voltado para a ideia de conversão; quando pensamos na etimologia do signo linguístico “conversão” e o analisamos a partir da perspectiva contemporânea das aulas de direção automobilística, concluímos que conversão se relaciona com mudança de direção ou abandono do caminho seguido para o retorno à direção apresentada como correta, haja vista a comunicação que faz o aparelho GPS quando erramos um determinado caminho: “Reformulando a Rota”.

Como gênero discursivo, observamos a real importância do sermão no século XVII. Com o crescimento da igreja protestante, o púlpito ganhara um valor especial uma vez que o catolicismo perdera um número considerado de fiéis, fazia-se necessário o uso de um novo método de evangelização (sermão), uma vez que a catequese já não alcançava ouvintes em escala como o discurso que normalmente era proferido a um auditório; o *Ethos* se constitui na interação locutor/interlocutor como podemos observar na análise a seguir.

5. Análise: A construção do *ethos* de Padre Vieira

Ao retomarmos a introdução em que mencionamos o *corpus* desta análise – o Sermão dos Peixes – observa-se que o ofício do

orador é ser padre, ter convicções e posicionamento político, social e, sobretudo, religioso, embora a proposta de Vieira fosse além dessas convicções e por esse motivo contrariava o império, o clero e os colonos, que tinham visões particulares de posse e governo. Como já mencionamos, analisamos esse sermão sob a perspectiva da retórica de Aristóteles, conseqüentemente a perspectiva grega da concepção de *Ethos*.

O método estabelecido no uso do Sermão aos Peixes para construção da imagem de si condiciona-se ao conhecimento prévio de Vieira acerca do auditório a quem se dirige seu discurso. O padre utiliza-se de argumento de autoridade e de argumento por analogia, podendo ser observado por meio da construção do discurso, a partir da menção a personagens e objetos que subsidiam tais argumentos, a exemplo de Cristo, Santo Antônio, Noé, Virgem Maria, os peixes, o sal; remetendo à autoridade e à simplicidade das comparações com personagens considerados mártires na História e, com o uso de metáforas e analogias, um recurso importante na arte da persuasão.

A seguir, apresentamos o primeiro excerto do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”, que permitirá a análise dos argumentos que corroboram para a construção de sua imagem.

Excerto 1

VÓS, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa

e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

Suposto, pois, que, ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal, e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga? Cristo o disse logo: Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus (Mateus V – 13). Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos. Quem se atreverá a dizer tal cousa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça, que o pregador que ensina e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés o que com a palavra ou com a vida prega o contrário. (VIEIRA, 2001[sd]).

Padre Antônio Vieira (quem descreve) começa seu sermão invocando a autoridade de Cristo (o real descrito) quando faz uso do verbo em terceira pessoa, “Vos, **diz** Cristo, Senhor nosso, sois sal da terra...”, ele conclama o auditório a perceber que não era ele dono daquela palavra, mas, sim, Cristo e que a palavra se reportava especificamente aos que como ele tinha a responsabilidade de espalhar o bem sobre a terra, sendo assim, chama a responsabilidade para a análise do sacerdócio como autoridade constituída para tal.

Para BRETON (2003), os argumentos de autoridade constituem um método argumentativo no qual “o real descrito é o real aceitável porque a pessoa que o descreve tem a autoridade para fazê-lo” (p.76).

Podem-se observar três os tipos de raciocínio de autoridade: pela competência, pela experiência e pelo testemunho. A autoridade pela competência remete imediatamente a uma competência científica, técnica, moral ou profissional prévia que vai legitimar o olhar sobre o real. A experiência implica na autoridade proveniente de quem tem uma prática efetiva no campo relativo ao tema discutido pelo orador. O testemunho, por sua vez, confere àquele que esteve presente a uma manifestação, a um acontecimento, a autoridade para se pronunciar a respeito. (EVANGELISTA e PAVANELLO, 2010, p.1)

O argumento de autoridade apresenta-se logo no exórdio, utilizado para assegurar o caráter moral, observado a partir da relação igreja, sacerdócio, personagens bíblicos, daí não só no uso da autoridade de Cristo como também na citação “... sois sal da terra...” que é um fragmento direto das escrituras sagradas (para os cristãos) referenciadas no livro de São Mateus, capítulo 5, versículo 13, correspondendo a função de preservar a terra e não se corromper.

Ainda no uso da estratégia do discurso por autoridade, observamos o uso do sermão outrora pregado por Santo Antônio e no dia deste santo, é retomado por Padre Vieira o que reforça tal autoridade discursiva, bem como o uso de léxico e enunciados de impacto que endossam seu poder de persuasão. A seguir, traçamos, no quadro 1, uma suma das análises apresentadas.

Quadro 1: Síntese da análise

EXCERTO 1	ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA	ETHOS
<p><i>“VÓS, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra[...] quem se atreverá a dizer tal coisa? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve[...] Isto é o que deve fazer ao sal que não salga. É a terra que se não deixa salgar, que se lhe há de fazer? Este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do Grande português Santo Antônio[...] Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que nas festas dos santos é melhor pregar com eles, que pregar deles. [...] Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com a doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para a emenda e reforma dos vícios que a corrompem.”</i></p>	<p>Viera se apresenta por meio de seu ofício, o de ser padre, um dos “pregadores” a quem Cristo se dirige e elege “como o sal da terra”, como a voz que traz a verdade; isso acontece a partir da retomada do sermão pregado por Santo Antônio, exposto no discurso como o Grande português e, o uso deste sermão lhe garante além do conhecimento dos santos da igreja católica, a importância dos seus escritos; o uso da Bíblia como referencial expositivo, constituindo a imagem do sacerdote que maneja bem seu instrumento de trabalho; ao mencionar Cristo como verdade absoluta na voz que emana do discurso, “VÓS, diz Cristo Senhor nosso”, uma vez que no cristianismo Cristo é chamado de “o Caminho e a Verdade”. No sermão ele também se propõe como digno de pregar quando menciona “assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve”. Assim, pode-se observar a utilização do argumento de autoridade.</p>	<p>A imagem do orador transmite pelo texto é a de um homem digno; conhecedor dos atributos relacionados ao seu ofício; preparado para pregar, conhecedor da Bíblia; a voz que vem de Deus. O sal que salga e noutras palavras, o que prega para evitar a corrupção e o que não se corrompe, ou seja, ele transmite a imagem de credibilidade.</p>

Fonte: Elaboração própria (2016).

No próximo excerto, Vieira dá continuidade ao uso do argumento por autoridade, apresentando novo personagem que lhe garante a sustentação dos argumentos.

Excerto 2

A seguir, apresentamos mais um segmento para análise:

Isto suposto quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar e, já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria quer dizer, Domina maris: «Senhora do Mar»; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. Ave Maria. (VIEIRA, 2015, p.4)

Observa-se, nos argumentos apresentados no exórdio, o uso constante de indagações que já eram de conhecimento do senso comum, estratégias argumentativas utilizadas na intenção de comover os ouvintes. Na decorrência do uso do discurso de autoridade, no excerto 2, Vieira faz menção à Maria como rainha do mar, uma vez que pregava a pescadores, a Rainha do Mar era conhecida como protetora dos trabalhadores; no exercício do seu ofício, Vieira recorre novamente à relação do ouvinte com o discurso quando evoca Santo Antônio, buscando usar de interjeições e de exclamações se reportando ao fato de o mesmo ter sido perseguido e rejeitado em Arimino, quando se dirige para pregar aos peixes que o daria ouvidos. Daí apresenta-se uma concepção de virtude que é uma das características na constituição do caráter moral do orador.

Aristóteles distingue duas formas de virtudes: uma “natural”, inata e da qual não se pode ter mérito, porque exclui a capacidade racional do cálculo e da escolha, sendo fruto do bom nascimento e da boa educação; outra virtude propriamente dita, que se adquire através do hábito e do agir bem. A primeira é pressuposta pela prudência, enquanto a segunda é produzida por ela. (FIORINDO, 2012, p.3).

A estratégia utilizada por Vieira é conhecida por argumento de autoridade, aquele que persuade pela apresentação de demonstrações

implícitas ou intrínsecas de atos de integridade, prestígio e testemunho de personagens como Cristo, Santo Antônio e Maria mãe de Jesus ao qual transfere autoridade ao orador constituindo assim sua imagem de integridade, capacidade e fé. Assim, constrói o *ethos* pelo argumento de autoridade; na medida em que são apresentadas as virtudes das figuras bíblicas, tais características começam a compor a imagem do orador.

O discurso de Vieira apresenta também um forte apelo ao uso de analogias, que permite ao autor uma possibilidade de garantir a atenção do ouvinte na intenção de persuadi-lo. O uso de alegorias traz uma ideia substancial para o avanço do discurso, Vieira compara peixes e sal a seres humanos, um como ouvinte que nem fecham os olhos enquanto aprecia a oratória e outro como agente de conservação.

Ademais, ainda que as causas das substâncias o sejam de todas as coisas, sem embargo, como foi dito, as causas e os princípios são distintos para coisas distintas que não pertencem ao mesmo género - cores, sons, substância, qualidade - a não ser analogicamente. (ARISTÓTELES, Metafísica, livro XII, 1071 a, 25-30 apud ANGIONI, 2008).

O argumento por analogia utiliza-se da similitude do objeto com o interlocutor que se deseja persuadir. Simplificadamente assim, como para Aristóteles (1071a [sd] apud Agioni, 2008), “as causas e os princípios são distintos para coisas distintas que não pertencem ao mesmo género [...]a não ser analogicamente”, analisa-se que A está para B como C está para D; assim com A o é, B por analogia é, ou seja, ser também tem uma unidade ideal de valor, por meio deste argumento, concluímos que o sal está para salgar assim como o peixe está para nadar ou relacionado a imagem do orador, Vieira está para pregar, não são do mesmo género, porém, assimilam-se por meio da analogia no argumento. E o sermão se apresenta na forma de alegoria usando de metáfora na relação entre o peixe, homem, sal, virtude, ofício, propósito; a qualidade do peixe é por contraste os defeitos dos homens; o discurso de Santo Antônio, pregado antes do Padre Vieira, dirigido aos peixes, e, por intenção do pregador, ouvido pelos homens, apresenta entre

outros objetivos, o propósito dos padres com a função sal como agente de conservação.

Aos pregadores se empenhava a responsabilidade de seduzir, ensinar e doutrinar as pessoas; no Sermão de Santo Antônio, percebe-se essa importância, visto que, a primeira frase do discurso se dirige a eles: “[...] VÓS, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra...” o sal pelo senso comum, tem a especificidade de conservar ou talvez usando de redundância, não deixar estragar determinados alimentos, uso comum em região de pescadores. Essa relação de conservação dirigida inicialmente aos pregadores tem relação com o fato de muitos deles não estarem exercendo o ofício com a dignidade que era exigida. O sal está para salgar como o peixe está para o mar.

O quadro a seguir apresenta o resumo da análise desenvolvida do excerto 2:

Quadro 2: Síntese de análise

EXCERTO 2	ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA	ETHOS
<p><i>“VÓS, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra[...] quem se atreverá a dizer tal coisa? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve[...] Isto é o que deve fazer ao sal que não salga. É a terra que se não deixa salgar, que se lhe há de fazer? Este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do Grande português Santo Antônio[...] Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que nas festas dos santos é melhor pregar com eles, que pregar deles.[...] Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com a doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para a emenda e reforma dos vícios que a corrompem.”</i></p>	<p>Vieira se utiliza do argumento por analogia ao passo que se apresenta como o padre que segue seus votos e se coloca no lugar de um dos pregadores mencionados no discurso de Santo Antônio, a ideia principal é apresentar ao auditório, por meio dos argumentos, que ele tem as características necessárias do não corruptível e do preservador da boa índole que é analogicamente relacionado ao sal.</p> <p>Ele chama os peixes de irmãos, argumento que busca aproximar o auditório ao orador, uma vez que o objetivo do sermão era persuadir os ouvintes do auditório e não os peixes.</p>	<p>A imagem que se passa do orador por meio do argumento por analogia tão somente é a do não corruptível e com os atributos apropriados para preservar os que não se corromperam, bem como a imagem daquele que pertence aquela comunidade quando os chama de irmãos .</p>

Fonte: Elaboração própria (2016)

Padre Vieira, por meio desse excerto analisado, apresenta-se como um homem do povo – íntegro e incorruptível. Ao selecionar o argumento por analogia, o orador apresenta o *ethos* constituído.

Considerações Finais

Este trabalho, à luz da Teoria da Argumentação e da Retórica, buscou entender como a construção do *ethos* pode ser observada por meio do discurso. Para tal, selecionou o sermão (Santo Antônio aos Peixes) de Padre Vieira, elaborado em 1654.

Vieira constrói a imagem de homem do povo; íntegro e digno; conhecedor dos atributos relacionados ao seu ofício; preparado para pregar, conhecedor da Bíblia; a voz elegível como condutora da palavra que vem de Deus; o sal que salga e que não permite a deterioração do ser humano, noutras palavras, o que prega para evitar a corrupção e o que não se corrompe.

Em seu discurso, *Sermão aos Peixes*, Vieira faz uso do Argumento de Autoridade que é aquele que utiliza o discurso outrora constituído de atores considerados acima da verdade, pelo menos para o público a quem se dirigia o discurso, usado para assegurar o caráter moral do orador, observado a partir da relação igreja, sacerdócio, personagens bíblicos, bem como o Argumento por Analogia. Essa estratégia relaciona o orador diretamente à função do objeto exposto a essa comparação, observando a premissa de que A está para B como C está D, entende-se que o sal está salgar tal como Vieira está para pregar. Portanto, a imagem que Vieira constrói, a partir das estratégias observadas nesse discurso, é a constituição do *ethos* discursivo.

Assim, esta investigação, fruto da Iniciação Científica, pretende colaborar com os futuros trabalhos acerca do Discurso Religioso, unindo a Retórica Clássica e a Nova Retórica, a fim de que se possa observar, com mais afinco, a importância da argumentação nas manifestações comunicativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMOSSY, Ruth. *O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. In: AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 119-144.

ANGIONI, Lucas. *As noções aristotélicas de substância e essência - O livro VII da Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Editora Unicamp. 2008.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005[1354a].

_____. *Organon – V Tópicos*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

BRETON, Philippe. GAUTHIER, Gilles. *História das Teorias da Argumentação*. Trad. Maria Carvalho. Ed. Bizâncio. Lisboa, 2001.

BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. Trad. Viviane Ribeiro. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2003.

BROADUS, John A. *Preparo e Entrega de Sermões*. Revisado Jessé Burton Weatherspoon. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista. 1960.

EGGS, Ekkhard. *O ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto. 2008, p. 29-56.

EVANGELISTA, Ênio Muniz. PAVANELLO, Regina Maria. *Os Textos Sobre Ensinar/ Aprender Matemática no Ensino Fundamental da Revista Nova Escola: Uma Análise Retórica*. Puc, Educ. Matem. Pesq., São Paulo: v.12, n.2, pp.271-291, 2010.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *O ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem*. Pandora Brasil, São Paulo: Outubro, 2012, n. 47.

GONTIJO, Sandro Rodrigues. Persuasão e Acomodação Retórica no *Sermão da Epifania de Antônio Vieira*, ANPUH. Maringá: Março, ano 1, n. 3, p. 1 – 12, 2009

MIRANDA, Daniela da Silveira. Discurso Jurídico: *Constituição do ethos e orientação argumentativa*. 2011. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

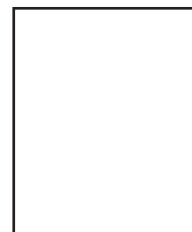
_____; LUQUES, Solange Ugo. Metáfora argumentativa no discurso de Paulo Maluf. *EID&A*, n. 3, jun/nov.2012. Disponível em <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/404>. Acesso em 10/06/2016.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e Novas Retóricas: Convergências e Desdobramentos. In: _____ (org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas, 2004.
PÉCORA, Alcir (organização e introdução). *Sermões: Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Hedra, 2002.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].

VIEIRA, Antônio. *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*. Porto Alegre: Porto. 2015.

Sermão de St.o António aos Peixes P.e António Vieira



Vos estis sal terræ (S. Mateus, 5)

VÓS, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal. Suposto, pois, que, ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal, e que se há-de fazer a esta